

ALIENAÇÃO E EMANCIPAÇÃO NA MODERNIDADE: UM DIÁLOGO CRÍTICO ENTRE HANNAH ARENDT E HERBERT MARCUSE

ANA CAROLINA DA SILVA¹;
NUNO CASTANHEIRA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – ana427prates@gmail.com* 1

²*Universidade Federal de Pelotas – npcastanheira@gmail.com* 2

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma análise comparativa sistemática das conceituações de alienação elaboradas por dois pensadores dos séculos XX: a teórica política Hannah Arendt e o filósofo social Herbert Marcuse, integrante da primeira geração da Escola de Frankfurt. A escolha por estes autores não é arbitrária, ela se justifica pela posição singular que cada um ocupa na crítica à modernidade. Arendt diagnostica a alienação como uma perda do mundo comum e uma retração da esfera política, substituída pela predominância do social e econômico. Marcuse, herdeiro de uma tradição marxista, heterodoxa e freudiana, identifica a alienação na formação de uma consciência unidimensional, na qual a racionalidade tecnológica suprime a capacidade da negação e da imaginação utópica.

Esta investigação parte da aparente incompatibilidade entre estes dois diagnósticos. Enquanto Arendt localiza o mal-estar moderno na esfera pública, Marcuse o situa na estrutura mesma da subjetividade e da cultura de massas. Essas divergências fundamentais levantam questões fundamentais: Seriam estas perspectivas mutuamente excludentes? Ou será possível articulá-las de modo a obter uma compreensão mais abrangente e multidimensional dos mecanismos de dominação nas sociedades contemporâneas?

A hipótese que nos propomos aqui explorar é que o aparente divórcio entre as duas perspectivas é, na verdade, um sintoma da complexidade do fenômeno que ambas buscam decifrar, sendo que o seu diagnóstico crítico acaba por se mostrar convergente.

O objetivo geral é, portanto, realizar um cotejamento das obras “A Condição Humana”, de Hannah Arendt, e “O Homem Unidimensional”, de Herbert Marcuse, buscando mapear tanto os pontos de divergência irreconciliável quanto as possíveis convergências e complementaridades que possam contribuir para uma clarificação do fenômeno da alienação.

Este estudo está ainda no seu início, pelo que o trabalho que nos propomos apresentar pretende apenas dar conta de uma possível via de convergência entre os dois autores e do seu potencial para compreensão do fenômeno da alienação na contemporaneidade, nomeadamente no que diz respeito aos impasses da emancipação política e humana num contexto de crescentes desafios colocados pela crise das democracias liberais, pela atomização social, e pela dominação tecnológica.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter teórico e bibliográfico, utilizando o método comparativo-dialético. A análise procede pela leitura crítica das obras-chaves dos autores, buscando identificar os eixos estruturantes de suas críticas a

modernidade. O método dialético se aplica na medida em que se busca confrontar teses de ambos, não para eleger um vencedor, mas para fazer emergir dessa tensão uma compreensão mais rica e problematizada do conceito de alienação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reflexão sobre a alienação na modernidade encontra em Hannah Arendt e Herbert Marcuse dois diagnósticos distintos, mas complementares. Ambos respondem aos dilemas de um mundo marcado pela técnica e pelo avanço das sociedades industriais, embora partam de horizontes teóricos diferentes. Suas análises permitem compreender como a alienação afeta, simultaneamente, a vida humana e, mais marcadamente, as esferas políticas e socioculturais.

A abordagem de Arendt é fundamentalmente política e ontológica. Seu diagnóstico centra-se na decadência da *vita activa* e no triunfo do *animal laborans*. A modernidade, ao elevar o trabalho (a atividade correspondente ao processo biológico do corpo) e a obra (a atividade de fabricação de um mundo artificial) a posição de atividades humanas, conduziu o apagamento da ação (práxis), que funda o espaço político. A alienação arendtiana é, portanto, a perda do mundo comum, a substituição do espaço, aparentemente pelo comportamento social padronizado, e a redução da liberdade à questão da soberania sobre necessidades. A tragédia moderna, para ela, é que nos tornamos alienados não imediatamente do nosso si-mesmo, mas do mundo em que a nossa existência descobre significado. A técnica, em Arendt, é vista principalmente como parte do processo de fabricação (*homo faber*) que, quando transportado para o domínio político, gera instrumentalização e violência.

Herbert Marcuse, por outro lado, oferece uma análise da alienação como dominação social total. Herdeiro de Marx, mas também de Freud, ele argumenta que as sociedades capitalistas avançadas desenvolveram uma forma de poder tão eficiente que já não precisam ser principalmente repressivas. Através da racionalidade tecnológica e da indústria cultural, o sistema produz falsas necessidades e um universo de pensamentos e comportamentos que classifica como unidimensionais, onde a crítica é sistematicamente anulada. A alienação em Marcuse não é apenas a exploração econômica, mas a incapacidade de sequer imaginar uma forma de vida radicalmente diferente da existente. O sujeito alienado de Marcuse é aquele que ama sua própria servidão, cuja liberdade se reduz à escolha entre cem marcas de sabão em pó. A técnica, para ele não é neutra; é a própria forma histórica de dominação, um a priori político que estrutura a sociedade.

A principal divergência entre Arendt e Marcuse diz respeito ao lócus da alienação e ao modo de saída da emancipação. Para Arendt, a saída está na recuperação de um espaço público autêntico na ação concertada e na fundação de corpos políticos baseados na pluralidade. Sua crítica é, em última análise, uma crítica à confusão de esferas (o social invadindo o político). Para Marcuse, a emancipação exigiria uma transformação radical das próprias bases tecnológicas e culturais da sociedade, uma “grande recusa” que passaria pela liberação das pulsões e pela construção de uma nova sensibilidade. Sua crítica é uma crítica a totalidade do sistema.

Esta divergência aponta para uma limitação recíproca das teorias. A análise de Arendt, ao focar tanto na esfera política, parece subestimar profundamente como a dominação econômica e cultural molda e corrompe a própria possibilidade de uma esfera pública autêntica. Ela tende a ver o “social” como uma massa homogênea, sem analisar seus mecanismos internos de poder. Por outro lado, a análise totalizante de Marcuse, ao dissolver todas as esferas na lógica do sistema

tecnocapitalista, corre o risco de negar qualquer autonomia à política, vendendo-a como mero epifenômeno da base econômica e técnica, tornando a emancipação uma perspectiva quase inatingível.

Conclui-se, que a incompatibilidade entre os dois modelos é instrutiva. Ela revela que a alienação moderna é um fenômeno dupla face, com uma face política (Arendt) e uma face sociocultural (Marcuse). O desafio que se coloca à nossa investigação, nesta fase, é pensar como uma esfera pública não-alienada (Arendt) poderia emergir de uma sociedade de indivíduos profundamente alienados em sua subjetividade (Marcuse).

4. CONCLUSÕES

Esse estudo permitiu demonstrar que as concepções de alienação em Arendt e Marcuse, embora partam de enquadramentos teóricos distintos, se revelam importantes para uma compreensão abrangente dessa patologia social. A originalidade de abordagem comparativa desenvolvida reside na articulação entre a erosão do espaço público arendtiano e os mecanismos de dominação tecnológica descritos por Marcuse, propondo que estes fenômenos se reforçam mutuamente num ciclo de empobrecimento da experiência humana tanto na esfera política, quanto na dimensão subjetiva.

Esta investigação permitiu constatar que a alienação opera simultaneamente nas dimensões política e subjetiva, manifestando-se tanto no empobrecimento do mundo comum, quanto na internalização de mecanismos de dominação. A atualidade deste quadro teórico conjunto reside na sua capacidade de oferecer instrumentos conceptuais robustos para analisar criticamente as transformações sociais contemporâneas, particularmente no que concerne às crises das democracias liberais e aos desafios colocados pela racionalidade tecnocrática às possibilidades de emancipação humana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução: Roberto Raposo, revisão técnica: Adriano Correia. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2020.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional**. Tradução de Giasone Rebuá. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: Uma interpretação Filosófica do Pensamento de Freud**. Tradução: Álvaro Cabral. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOULART, Fabio. Marx e Marcuse: Acerca da Alienação do Homem e seu Trabalho. **Revista Opinião Filosófica**, Porto Alegre, v. 05; nº. 01, 2014.

PEIXOTO, M. A. Para entender a alienação: Marx, Fromm e Marcuse. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 110, p. 32-40, 2010.

TEIXEIRA DE SOUSA, Luiz Victor. Tecnologia e Dominação: A Crítica de Marcuse à Sociedade de Consumo. **Cadernos do PET Filosofia**, [S. I.], v. 15, n. 30, p. 135–145, 2025.

RESENDE, Maria Carolina Mendonça de. O conceito de alienação do mundo no pensamento de Hannah Arendt. **Contextura**, Belo Horizonte, n. 8, p. 21-28, jun. 2016.

RAGGIO, G. **A alienação do mundo e o mergulho no eu: Hannah Arendt – mundo, tradição e pluralidade**. 2023. 79p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro